

"CHEGA DE SAUDADE"

(Um estudo sobre a recepção crítica de João do Rio)

Chirley Domingues

Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC

“Jurei mentiras e sigo sozinho

Assumo os pecados

Os ventos do norte não movem moinhos

E o que me resta é só o gemido

Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos.”

João Ricardo - Paulinho Mendonça

“CHEGA DE SAUDADE”

“Só um pobre diabo, sem importância alguma é que poderá
escapar à calúnia”.

O Rio de Janeiro, outrora Cidade Imperial, ocupa um lugar de destaque na história cultural brasileira. Com a inauguração da Escola Nacional de Belas Artes, do Teatro Municipal e da Biblioteca Nacional, na primeira década do século XX, o Rio, já Capital da República, torna-se palco dos maiores acontecimentos artístico-literários e passa a açambarcar a elite cultural do país formada por ilustres como : Machado de Assis, Rui Barbosa, Lima Barreto, Olavo Bilac, Coelho Neto, Julia Lopes de Almeida, Silvio Romero e muitos outros.

Anuário de Literatura, 1996, pp. 137-147

O “1900” abre alas na Cidade Maravilhosa e traz no seu enredo a *belle époque*. A modernização da cidade, que tem como símbolo maior a Avenida Central, instala-se definitivamente. O Rio urbaniza-se. O automóvel, o fonógrafo, a luz elétrica, o cinema e o telégrafo passam a fazer parte do cotidiano do carioca, que diante da vertiginosa transformação se sente extasiado. Agora, a velocidade e o movimento seriado, características da produção industrial, ditam o novo ritmo da cidade e, como não poderia deixar de ser, da literatura.

Nessa época, a imprensa também industrializa-se e é através dela que a crítica, até então incipiente, passa a fazer parte do contexto literário nacional. Tudo e todos no meio literário, principalmente os “imortais”, passam pela lente dos jornalistas e qualquer assunto é motivo de polêmica, de discussão, de atenção. Quem é “imortal” torna-se objeto de exaltação, mas corre o risco de ser difamado por aqueles que por despeito, ou mesmo inveja, disputam um lugar, ou melhor, uma cadeira, na tão cobiçada Academia Brasileira de Letras.

É o caso típico de Paulo Barreto, conhecido como João do Rio, um dos maiores cronistas brasileiros de todos os tempos e um dos mais exaltados e difamados escritores da *belle époque* carioca. Por certo, nas duas primeiras décadas deste século, nenhum escritor foi alvo de tantos comentários e de tanta calúnia quanto João do Rio, principalmente após a sua entrada para a Academia em 1910 aos 29 anos¹. É o que se evidencia em duas das mais famosas críticas “informais” divulgadas sobre ele tão logo tomou posse na Casa de Machado de Assis.

A primeira, uma quadrinha escrita por Emílio de Menezes na famosa Confeitaria Colombo, dizia, maliciosamente, o seguinte:

Na previsão de próximos calores
a Academia que idolatra o frio
Não podendo comprar ventiladores
Abriu as portas para João do Rio².

A segunda é parte de um artigo publicado pelo poeta Leal de Souza, na seção “Almanaque das glórias”, da revista *Careta*, e vem a confirmar o incômodo que causou em alguns, a presença do jovem João do Rio entre os “imortais”:

(...) Dizem, em resumo, que o novo imortal acadêmico é literariamente um zero e não tem existência real nas letras, mas todos o vêem; e que é absolutamente nulo, sendo certo, porém, que o invejam com raiva os que proclamam a sua absoluta nulidade³.

Até mesmo o conceituado Monteiro Lobato, muitos anos depois, não omite o mal estar que João do Rio lhe provoca e em carta a Lima Barreto, em 25 de maio de 1919, num comentário mal-humorado afirma:

Não podes entrar para a Academia por causa da ‘desordem da tua vida urbana’; no entanto, ela admite a frescura dum João do Rio⁴.

Figura polêmica e maldita, o arguto escritor despertava em seus contemporâneos uma tal animosidade que não lhe foi poupada nem a vida privada. Constantemente seu nome era envolvido em comentários malediscentes, como o publicado no *Correio da Manhã* que afirmava ter sido ele “colhido em flagrante, num terreno baldio, quando entregue à prática

de atos imorais, tendo como parceiro um soldado de Polícia"⁵. Facilmente percebe-se que sua homossexualidade foi um dos assuntos mais explorados por seus detratores, servindo inclusive de inspiração para um dos personagens de Lima Barreto, no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*⁶. Refiro-me a Raul de Gusmão, um talentoso jornalista, que insinuava a prática de atos imorais para chamar a atenção e ser tido em "melhor conta" no meio jornalístico. Num dos três capítulos em que aparece, comenta-se que foi visto entrando numa hospedaria na companhia de um fuzileiro naval, mas garante uma das personagens que :

Ele faz constar isso, para se ter em melhor conta o seu talento. O público quer que todo o talento artístico tenha um pouco de vício; aos seus olhos, isso aumenta extraordinariamente, dá-lhe mais valor e faz com que o escritor ganhe mais dinheiro⁷.

Na verdade, o afamado cronista sabia, mais do que ninguém, tirar partido da imagem que dele faziam. Não é gratuito que Lima Barreto, neste mesmo texto, pela boca de um dos personagens, tenha-o chamado de "gênio do reclame". Particularmente, entendendo ser esta uma das melhores definições para João do Rio, pois sempre que possível o autor de *Cinematógrafo* revertia a seu favor o que "aparentemente" parecia desfavorável. Muitas críticas que recebia eram gratuitas, mas muitas já eram esperadas, porque ele mesmo as provocava. Atitude compreensível se levarmos em conta o contexto literário no qual estava inserido. Era uma época, segundo Brito Broca, "em que a vida dos autores se tornava mais interessante do que as obras"⁸. E isso, curiosamente, o próprio João do Rio já enfatizara na introdução do seu livro *O Momento Literário* (1905) — tido por muitos como o primeiro livro de crítica literária do Brasil — onde afirma que neste novo tempo "há da parte

do público uma curiosidade malsã, quase excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores”⁹. A partir disto compreende-se melhor o sensacionalismo que o excêntrico escritor emprestava tanto aos fatos por ele narrados, quanto a sua própria vida, pois desta forma satisfazia a “curiosidade malsã” do moderno homem urbano — e se este não era o caminho mais sólido para atingir a tão sonhada popularidade, por certo era, naquele momento, o caminho mais curto. Ninguém melhor do que João do Rio aproveitou as calúnias e os comentários dos quais foi alvo constante. No entanto, diante da dimensão que a polêmica em torno de sua vida alcançou, principalmente após o seu ingresso na Academia e o sucesso de público por ele conquistado, o irreverente cronista, sentindo-se amargurado, por fim desabafa:

Só um pobre diabo, sem importância alguma é que poderá escapar à calúnia. Mas o fenômeno interessante é que quanto mais notável é o sujeito mais atacado e mais caluniado. O grande homem do Rio seria aquele de que toda a gente, mesmo sem o conhecer, dissesse horrores. Ter talento, ter capacidade de agir, brilhar, mostrar uma figura impressionante, é aumentar a lista dos defetos gratuitos, dos espões dos nossos gestos, dos pobres diabos que não podendo negar um esforço sério e superior, atiram-se ferozmente contra o bandido capaz de ser melhor. O mundo não muda e, afinal, ao menos nisso, o Rio parece Atenas, que desterrava Aristides apenas por ser bom demais¹⁰.

Mas suas palavras não foram suficientes para reverter a opinião que muitos autores têm a seu respeito. E para ilustrar o que acabo de afirmar, recorro a duas críticas: a primeira, *A correspondência de uma estação de*

cura, assinada por Monteiro Lobato, data de 1918¹¹; a segunda, *A Presença de Oscar Wilde na Belle Époque Literária Brasileira*, vem assinada por Gentil de Faria e data de 1988.

Através daquela crítica, Monteiro Lobato torna notória sua aversão por João do Rio. Não se limitando a analisar apenas o que considera “obra de fina maldade”, vai mais longe e numa atitude preconceituosa afirma que o autor tem “idéias simiescas”, que seus personagens são verdadeiros plágios de Eça de Queirós, e num tom de extrema agressividade acrescenta:

"Se Eça de Queirós ressuscitasse e visse essas edições clandestinas de seus heróis, surradas e pulhas como árias de Verdi em mau realejo, talvez que se arrependesse de os ter criado..."¹²

Apesar de ter sido publicada sessenta anos depois, a crítica de Gentil de Faria não apresenta um tom muito diferente da crítica de Monteiro Lobato. Aliás, coincidentemente, as duas mereceram o reparo de Antonio Candido. O ilustre crítico considerou a resenha de Lobato impregnada de “má vontade cheia de preconceitos”¹³. Mas o que mais surpreende Candido é o fato do autor “descer a alusões racistas, numa grosseria tacanha que contrasta com o lado generoso do seu caráter”¹⁴. Já com a crítica contundente de Gentil de Faria, Antonio Candido foi mais ameno — até porque, seu comentário faz parte do prefácio do livro de Gentil — limitando-se a considerá-la apenas como um “juízo drástico”.

Mas, na verdade, o livro de Gentil de Faria dá ares de uma crítica retrógrada que desvaloriza tanto a vida quanto a obra de João do Rio. Para ele, o conhecido cronista da belle époque carioca não passa de um plagiador, cuja obra é “caracterizada por uma má assimilação dos modelos colhidos nos cronistas franceses do *fin-du-siècle*”¹⁵, como por exemplo Jean Lorrain

— a quem muitos atribuem a origem do pseudônimo de João do Rio — e, principalmente, Napoléon-Adrien Marx, que assinava suas crônicas como Jean de Paris e a quem, segundo Gentil de Faria, Paulo Barreto verdadeiramente deve a origem do seu pseudônimo: João *do Rio*. E suas referências não param por aí. No decorrer deste estudo, nas muitas páginas em que aparece, a obra de João do Rio está, quase sempre, acompanhada de expressões como : “cópia servil”, “apropriação”, “decalque à brasileira”, “plágio” etc. É o que se encontra no capítulo intitulado : “Tradução e Tradutores”, no qual Gentil de Faria analisa as traduções das obras de Oscar Wilde feitas por escritores brasileiros, sobretudo, por João do Rio.

Mas, no que diz respeito a este assunto, outros estudos, anteriores ao de Gentil de Faria, merecem menção. É o caso do sempre citado *A Vida Literária no Brasil-1900*, escrito em 1956 pelo saudoso Brito Broca, e com merecida reedição em 1960. Na oportunidade, Brito Broca já assinala que as traduções das conhecidas obras wildeanas, *Salomé*, *Intenções* e *O Retrato de Dorian Gray*, feitas por João do Rio, são “trabalhos apressados, mas nos quais se percebe a nota de brilho e colorido que o cronista punha em tudo quanto escrevia”¹⁶.

Gentil de Faria, por sua vez, discorda radicalmente da afirmação de Brito Broca. Para ele, as traduções de João do Rio — todas feitas a partir de edições francesas e não inglesas, como o cronista costumava afirmar — deixam muito a desejar. Na sua opinião, João do Rio só não admitia estar traduzindo do francês “para ganhar prestígio junto dos colegas”, é o que vai comprovar exaustivamente no seu estudo.

É interessante observar, ainda, os comentários deste autor a respeito da originalidade da obra de João do Rio, que aliás, segundo ele, inexistente. Para Gentil de Faria, Paulo Barreto não era apenas um péssimo tradutor mas

também um estelionatoário cultural, ou seja, um plagiador que “muito se aproveitou de Gomez Carrillo¹⁷, Jean Lorrain e Jean de Paris”¹⁸, assim como de Oscar Wilde, e para dar ênfase às suas picantes afirmações, ainda cede espaço para as palavras de Agripino Grieco:

Cleptômano da letras, eis o João do Rio. Sem Wilde e Lorrain ele não escreveria duas linhas¹⁹.

No entanto, o que Gentil de Faria considera apropriação e plágio, outros estudiosos da obra de João do Rio consideram como influência. Neste sentido, não se pode perder de vista as contribuições de autores como: Luís Martins —“João do Rio : a vida, o homem, a obra” (1972) —, João Carlos Rodrigues —“A Flor e o Espinho” (1981)²⁰ e Raul Antelo —“João do Rio e o belo em máscara”(1986).

No que se refere às influências sofridas por João do Rio, o texto de Luís Martins não se limita ao nome de Oscar Wilde e acrescenta Eça de Queirós e Jean Lorrain. Para o autor, de Wilde, João do Rio cultivou os paradoxos, de Eça de Queirós “a ironia e a sátira” e de Jean Lorrain o “esteticismo rebuscado”, o “cinismo mundano”, a “negligente ostentação”, as “extravagâncias boêmias” e os “vícios estranhos”.

Já para João Carlos Rodrigues, a obra do cronista apresenta traços não só de Oscar Wilde e de Jean Lorrain, mas também de escritores famosos como Marcel Proust e Edgar Allan Poe.

Raul Antelo, por sua vez, numa crítica de caráter essencialmente estético, assinala que o destaque do conto de João do Rio, intitulado “O Bebê de Tarlatana Rosa”, vai para a marcação teatral que, segundo ele, “provém, em grande parte de Oscar Wilde”²¹.

A partir do que foi exposto, pode-se perceber que a influência de

Oscar Wilde na obra de João do Rio é ponto de encontro de várias críticas, desde as mais “antigas” até as mais contemporâneas. Mas o que salta aos olhos é o tratamento diferenciado que esta influência de Wilde, na obra do cronista, recebe por parte de Gentil de Faria e dos outros comentadores. Enquanto estes limitam-se a apontar os aspectos desta influência, Gentil lança-se à tarefa de comprovar que, na verdade, não se trata apenas de influências mas também de plágio e imitação²².

Porém, esta sua posição parece não ter granjeado grandes adeptos, pois, se assim fosse, as discussões em torno da obra do cronista estariam sepultadas. Pelo contrário, o que assistimos hoje é a presença cada vez maior do nome de João do Rio nas rodas literárias. Um exemplo disso é a reedição cuidadosa que os seus dois romances, *A correspondência de uma estação de Cura* e *A Profissão de Jacques Pedreira*²³, publicados respectivamente em 1911 e em 1918, mereceram no início desta década.

Ainda mais importante é a efervescência crítica que sua obra tem suscitado, merecendo a atenção de críticos do quilate de Antonio Candido, Flora Süssekind e Raúl Antelo²⁴. Agora mesmo, no afã desta retomada, chega às livrarias uma segunda biografia de João do Rio que se pretende mais fiel do que aquela de Raimundo Magalhães Jr. — *A Vida Vertiginosa de João do Rio* —, que durante muito tempo serviu como referência aos estudiosos do cronista.

Neste sentido, não há um preconceito dos críticos contra João do Rio no que se refere às influências presentes na sua obra, ou seja, para eles, se estas influências existem, não chegam a anular a originalidade do autor. Hoje, a crítica valoriza muito mais os aspectos estéticos da obra e quando muito utiliza-se da vida para “iluminá-la”, mas jamais para explicá-la.

Notas

1. Segundo Raimundo Magalhães Jr, a eleição fácil e tranqüila de João do Rio - após duas tentativas frustradas - antes mesmo de ter completado vinte e nove anos, numa casa que estava acolhendo, de quando em quando, homens de mais de setenta, foi para muitos um escândalo. E provocou manifestações de inveja e despeito.

2. *A Presença de Oscar Wilde na Belle Époque Literária Brasileira*. Gentil de Faria, p.109.

3. *Revista Careta*, número 23, de 21/05/1910, in: idem, *ibidem*.

4. Carta de 25/05/19 - Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto, in: *Críticas e Outras Notas*, p.38.

5. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*. Raimundo Magalhães Jr., p. 117.

6. Segundo Raimundo Magalhães Jr., trata-se de um "romance *à clef*, revelando os bastidores da imprensa brasileira da primeira década deste século", p. 118.

7. Op. Cit.

8. Brito Broca. *A Vida Literária no Brasil - 1900*. p. 219.

9. João do Rio. *O Momento Literário*. p.XI.

10. Protesto incluído no livro *Psicologia Urbana*, citado in: *A Vida Vertiginosa de João do Rio*. R. Magalhães Jr., p.126.

11. Crítica sobre o romance de João do Rio, *A correspondência de uma de cura*, publicada naquele mesmo ano.

12. Op. Cit., p.40.

13. "Atualidade de um romance inatural", prefácio da reedição do livro *A correspondência de uma estação de cura*, em que: Antonio Candido faz uma crítica observando os aspectos estéticos da obra, p. XVIII.

14. Idem, *ibidem*.

15. Op. Cit., p.109.
16. Op. Cit., p.111.
17. Primeiro escritor a publicar um estudo crítico sobre Oscar Wilde.
18. Op. Cit., p.109.
19. Op. Cit., p.83.
20. Ambos prefácios de coletâneas organizadas pelos autores.
21. “João do Rio e o belo em máscara”. Raúl Antelo.
22. Sobretudo no capítulo III de seu estudo.
23. Ambos publicados pela editora Scipione em parceria com a Fundação Casa de Rui Barbosa e o Instituto Moreira Sales, em 1992.
24. À título de ilustração, cito a crítica de Flora Süssekind “O cronista & o Secreta Amador”, prefácio do romance de João do Rio *A Profissão de Jacques Pedreira* (2.ed., Scipione, 1992) e o ensaio de Raúl Antelo, *João do Rio. “O dândi e a especulação”* (Taurus-Timbre, 1989).